

VIAGENS

CANTAREIRA

São Paulo vista do verde

Maior floresta urbana do mundo surpreende a dez quilômetros do centro da cidade

Fotos: Marcos Alves



Do alto da Pedra Grande, cidade surge além da mata: imensidão dos prédios relativiza-se diante da majestade da velha floresta

LIANA AMARAL
de São Paulo

Imagine uma daquelas amplas telas de cinema. Nela o perfil expandido da terceira maior metrópole do mundo. Massa de edifícios em camadas verticais, interrompida por manchas verdes, cinzas, cor de terra, serras ao fundo. Um quadro que assombra e fascina ao mesmo tempo. A trilha sonora só se revela alguns minutos depois da imagem: é feita de um ronco surdo, ininterrupto, que sai das copas da mata fechada a seus pés.

É essa a cena que surpreende o visitante da maior área verde de São Paulo. A tela funde-se à imagem da própria cidade. E o som é feito por centenas de bugios escondidos entre as árvores. Difícil imaginar modo menos ortodoxo de se dar conta do tamanho da cidade. É como estar dentro de um belo quadro espiando a realidade lá fora.

Pois essas sensações, e muitas outras, acontecem durante uma visita ao Núcleo Pedra Grande do Parque Estadual da Cantareira, na zona norte da capital paulista. Em linha reta, são apenas dez quilômetros da praça da Sé. O trajeto é vencido sem muito esforço nos fins de semana. E o resultado é mais do que compensador. Em pouco tempo, sem precisar pegar estrada, pedágio e congestionamento, chega-se àquela que é considerada a maior floresta tropical ur-

ba na do mundo. Dentro da área metropolitana de uma cidade árida como São Paulo, é uma oportunidade única de contato com a natureza, sem cercas nem limites visíveis.

Os 56 quilômetros quadrados de área do Núcleo Pedra Grande fazem parte dos 80 quilômetros quadrados (50 parques Ibirapuera ou duas florestas da Tijuca, no Rio) do Parque Estadual da Cantareira (PEC), na serra do mesmo nome.

O parque, fundado em 1964 nas terras da antiga Reserva da Cantareira, é uma das 86 unidades de conservação do Instituto Florestal da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo. Devido à sua extensão, que invade municípios vizinhos, como Guarulhos, Mairiporã e Cateiras, foi dividido em três diferentes núcleos. Além do Pedra Grande podem ser visitados os núcleos Águas Claras e Engordador, com atrações como cachoeiras, trilhas e a exuberância característica da Mata Atlântica.

Mas é no Pedra Grande, o mais próximo da capital, que o visitante assiste ao espetáculo de uma São Paulo quase irreel. Cerca de 300 metros acima da avenida Paulista, um grande afloramento rochoso de granito — a própria Pedra Grande — é a plataforma para uma visão em grande panorâmica. Se o dia estiver claro, ao fundo desenha-se a silhueta da serra do Mar. E, durante muito tempo, fica-se lá tentando decifrar a cidade.

Outras emoções aguardam o visitante do núcleo. Antes de tudo, os carros são deixados do lado de fora. Depois é escolher entre as trilhas a serem percorridas. Há oferta para todos os fôlegos, embora nenhuma delas apresente maiores dificuldades para andarilhos dos 8 aos 80 anos.

Comum a todas, a presença de uma densa e variada cobertura vegetal: árvores ameaçadas de extinção, como a imbuia, a canela-preta e a canela-sassafrás — devidamente identificadas — mais samambaias, bromélias, trepadeiras e grandes touceiras de bambu. Os caminhos são limpos e sinalizados, o ar puro e a temperatura sempre um pouco mais fresca que a da cidade.

Interessante também é a possibilidade de topar com algumas espécies da fauna da região. Basta prestar atenção para localizar os bugios nas árvores em natural algazarra. Quatis e serelepes são um pouco mais difíceis, mas também apare-



Uma das trilhas que penetram na mata: companhia de bugios e aves é constante

cem. Já as jaguatiricas, suçuaranas e gatos-do-mato, espécies em extinção, só com muita sorte.

A região ainda é morada de aves como o macuco, a maritaca, o gavião, o jacuguacu e o bacurau-tesoura-grande. Enfim, uma seleção digna de um Tom Jobim.

A trilha com menor grau de dificuldade é a da Bica. São 1.500 metros de caminhada em terreno plano. O visitante demora um pouco a perceber, mas depois consegue ouvir os diferentes pios cortando o silêncio.

E percorre, sem se cansar, um caminho deliciosamente sombreado.

Apenas 700 metros de extensão e grau médio de dificuldade tem a trilha das Figueiras. O terreno é acidentado e o caminho serpenteia entre grandes figueiras e afloramentos rochosos. Já a trilha da Pedra Grande é a mais extensa, com 9.500 metros, e exige um pouco mais de fôlego para uma caminhada de aproximadamente três horas. O que, sem dúvida, vale a pena pela vista em cinema de cidade.

O Parque Estadual da Cantareira é uma daquelas surpresas da metrópole pouco conhecida por seus habitantes. Nos fins de semana, é comum encontrar famílias e grupos de estrangeiros, adultos e crianças preparados para a caminhada e encantados com a exuberância da mata nativa. "É o boca-a-boca que funciona", reconhece Kátia Mazzei, geógrafa responsável pelo Parque Estadual da Cantareira. "Hoje, o movimento nos fins de semana já é significativo, mas a divulgação de nossas atividades e belezas ainda é limitada." Por outro lado, visitantes americanos, europeus e japoneses mantêm o hábito do lazer ecológico mesmo fora de casa.

Além da visitação pública aos sábados e domingos, o Núcleo Pedra Grande promove, durante a semana, passeios monitorados para estudantes e grupos interessados. A atividade faz parte de um conjunto de projetos ambientais desenvolvidos no parque em parceria com a Furnas Centrais Elétricas S.A.

O ambiente de Mata Atlântica — exuberante pela sua diversidade — é a principal atração em qualquer dos núcleos do Cantareira. "A vegetação é nativa, com algumas manchas de mata primária, mas é basicamente formada por mata de regeneração", explica Mazzei. "A Cantareira é a prova de que a Mata Atlântica pode se recuperar se medidas de controle adequadas forem tomadas a tempo." O que pode ser confirmado pela história de uma das mais antigas áreas ocupadas da cidade.

Por volta de 1560, os jesuítas estabeleceram na Serra da Cantareira uma grande fazenda para o plantio e criação de animais. Com o banimento dos jesuítas da América portuguesa, no final do século XVIII, a fazenda Santana passou à coroa, que a utilizou de diversas maneiras.

Já no século seguinte, a área foi em grande parte devastada para dar lugar a culturas como a do café, chá e cana-de-açúcar. A partir de 1890, o governo do Estado de São Paulo iniciou a desapropriação das terras para recuperar e garantir a proteção dos mananciais que, até hoje, fornecem água para a capital. Aliás, vem da existência de grande quantidade de córregos e nascentes naquelas paragens o nome Cantareira, que vem de cântaro, recipiente usado para guardar líquidos.

A regeneração da área foi bem-sucedida e São Paulo, beneficiada com isso. Estabilização climática, recuperação atmosférica, proteção de mananciais, dos solos e do patrimônio cultural apresentam hoje uma situação muito melhor graças a essa densa proteção vegetal.

Diz a lenda que os jesuítas, ao saírem da fazenda Santana, deixaram um colossais tesouro enterrado. Na verdade o tesouro hoje é o verde, cada vez mais raro, que ali pode ser usufruído por todos.

**Parque Estadual da Cantareira/
Núcleo Pedra Grande**
Rua do Horto, 931 / São Paulo
Tel.: (11) 6231-8555 (ramal 236)
Agendamento de visitas monitoradas:
(11) 6231-8555 (ramal 348)

Horário de visitação:
sábados, domingos e feriados, desde
que o tempo esteja bom, das 8h30 às
17h, ingresso: R\$ 2